CONEXÕES: ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA AMÉRICA LATINA

BEATRIZ ALASIA DE HEREDIA*
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/ IFCS
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pensar em antropologia no Brasil supõe falar em Roberto Cardoso de Oliveira. Seu lugar na disciplina e especialmente em seu processo de institucionalização é fartamente reconhecido não apenas por todos os que a ela estão ligados, mas também pelos intelectuais e estudiosos das outras disciplinas que compõem o campo das ciências sociais. Esta é uma constatação que tem sido repetidamente assinalada por diversos colegas (entre muitos outros exemplos, vejam-se o livro de Maria Stella de Amorim, *Roberto Cardoso de Oliveira. Um artífice da Antropologia*, e o número comemorativo dos 20 anos do PPGAS da *Revista de Antropologia Social* (Comunicações do PPGAS, 2), de novembro de 1992, no qual há um depoimento do próprio Roberto Cardoso de Oliveira).

Não pretendo oferecer aqui mais que um testemunho pessoal, absolutamente parcial pois limitado à minha experiência particular, de algo que sempre ocupou um lugar central no pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira, a saber, sua preocupação com o ensino da antropologia não só no Brasil, mas especificamente na América Latina. Esta preocupação resultou em conexões importantes para o

* Agradeço especialmente a Marcela Coelho de Souza, sem cuja participação, que excedeu em muito o trabalho de revisão, a confecção deste texto não teria sido possível.

desenvolvimento da disciplina no subcontinente, e é a memória de algumas delas que tentarei registrar aqui.

Sem querer falar em nome de outros, não posso deixar de mencionar como, nas mais diversas ocasiões, os professores Alberto Rex Gonzalez (que me introduziu na Antropologia) e Richard Adams – os quais, juntamente com Roberto Cardoso, tornaram possível minha vinda para o Brasil como estudante de mestrado – ao falarem em antropologia na América Latina, referem-se invariavelmente a Roberto. Ao recordarem como foi o início de suas relações com ele, ambos sempre mencionam alguns encontros que os três tiveram nos anos 1960 e, em especial, uma reunião realizada no México, onde conversaram sobre o ensino da antropologia na América Latina. Como esse ensino deveria ser conduzido, sua institucionalização e a construção de problemáticas partilhadas para além das fronteiras nacionais eram suas preocupações comuns. Essa conversa também me foi narrada por Roberto Cardoso de Oliveira. Chegamos inclusive a combinar que, por ocasião de sua estadia no Rio de Janeiro como professor-visitante no PPGSA/IFCS, durante o primeiro semestre de 2006, realizaríamos uma série de entrevistas para registrar e recuperar essas preocupações pioneiras que estavam na base da institucionalização da disciplina no Brasil. Entretanto, a vida não nos concedeu o tempo necessário para que eu pudesse efetuar tal registro.

Esses professores também assinalam frequentemente os talentos de Roberto para a organização, a pesquisa e o ensino. Não foram poucas as vezes em que ouvi Richard Adams, ao tratar da diferença entre o processo de institucionalização do ensino da antropologia no Brasil, de um lado, e em outros países da América Latina, (especialmente Argentina), de outro, referir-se ao dinamismo de Roberto e à sua capacidade de organização na constituição do que seria o primeiro programa de pós-graduação em antropologia no Brasil (o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional no Rio de Janeiro).

Seu compromisso com a qualidade acadêmica e o trabalho científico e sua qualidade humana, sempre acima das diferenças políticas, talvez tenham contribuído para confundir os serviços de informação que interligavam nossos países naquela época (as ditaduras na Argentina, Uruguai e Brasil), que acabaram por lhe atribuir um papel que não desempenhou. Em uma ocasião, alguém ligado à polícia, não sei sequer se argentina ou brasileira, provavelmente ambas, fazendo-se passar por exilado, chegou a alguns profissionais argentinos de diversas áreas que se encontravam residindo no Rio de Janeiro. No caso da antropologia, procuraram-nos buscando determinar a existência de redes constituídas de solidariedade política e reconstituir sua composição. quando um desses agentes chegou ao Museu Nacional, procurando Osvaldo Heredia, então meu esposo, perguntou-lhe, entre outras coisas, se Roberto Cardoso estaria recebendo exilados políticos argentinos e contribuindo para a saída dos profissionais de lá. É evidente que para essas pessoas era impossível pensar que alguém pudesse ter uma preocupação com a ciência para além de fronteiras nacionais e de posições políticas.

Sem dúvida, Roberto não tinha conexão alguma com nossa vinda, ou de qualquer outro antropólogo argentino, e não fazia parte de nenhuma rede – tanto quanto eu saiba, aliás, essas redes eram inexistentes em qualquer nível que fosse. O que ele tinha era seriedade profissional, acima de qualquer questão partidária, e qualidade humana. Desse episódio, acho que Roberto nunca tomou conhecimento; se tomou, deve ter apenas esboçado o sorriso irônico que lhe era tão característico.

Um fruto dessa preocupação latino-americana de Roberto foi a incorporação de professores e alunos de outros países da América Latina no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, já desde o momento de sua criação – preocupação esta reeditada nos programas de pós-graduação de Brasília e

Campinas que ele também criou.[1] Essa semente foi assim se expandindo, incluindo outras universidades que incorporam, ainda hoje, estudantes e professores argentinos; muitos dos atuais antropólogos argentinos atuantes na Argentina passaram por programas de pós-graduação brasileiros, tornando a fronteira entre os dois países, em termos de antropologia, cada vez mais fluida. A presença de professores latino-americanos no PPGAS do Museu Nacional foi já muitas vezes assinalada (remeto outra vez à publicação comemorativa dos 20 anos do PPGAS), mas gostaria de me deter aqui especialmente no caso dos alunos, pois esta foi uma experiência da qual fiz parte.

Os primeiros alunos foram argentinos. O intercâmbio, que de início se restringiria a dois semestres, voltou a se repetir tempos depois. Fizeram parte do primeiro grupo, que veio para o Brasil em agosto de 1970, alunos da Universidade Nacional de La Plata, encaminhados por Rex González, e alunos de um curso oferecido por Richard Adams na mesma Universidade: Omar Gancedo, que aqui permaneceu apenas por um semestre; Roberto Ringuelet; e Luis Maria Gatti, da Universidade Nacional de Córdoba. No primeiro semestre de 1971, viemos Martin Ibañez Novion, também da Universidade de la Plata, e eu mesma, da Universidade Nacional de Córdoba (embora eu tivesse sido convidada para vir no primeiro grupo, só pude efetivamente fazê-lo, por razões pessoais, no ano seguinte, e Gatti veio no meu lugar). Naquele momento, Gancedo já estava de volta à Universidade de La Plata. Todos viemos com bolsas concedidas pela Fundação Ford, por meio de Adams (que era consultor da Ford para esta região).

Os dois pés – ensino e pesquisa – foram fundamentais em nossa formação. Esta era a proposta básica de Roberto Cardoso, materializada tanto no PPGAS quanto nos outros programas de pós-graduação que veio a fundar (em Brasília e Campinas).

Os cursos tinham lugar no Centro Latino-Americano de Ciências Sociais, em um casarão escondido atrás de um muro e cercado por

um belo jardim que, junto com a varanda, servia de ponto de encontro, lugar de lazer e conversas para alunos e professores. A magnificência do local muito impressionava a nós, estudantes estrangeiros. A casa, hoje destruída, e que tinha pertencido ao jurista Santiago Dantas, situava-se na rua Dona Mariana, em Botafogo, e sediou o recém-constituído Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social até meados de 1972, quando este passou a funcionar no Museu Nacional. Quando cheguei, alguns professores estrangeiros acabavam de retornar às suas universidades – Bonfil, Graciarena – e pude conhecer naquela ocasião apenas Shelton Davis, prestes a voltar aos EUA. Roberto viajara para os Estados Unidos e o coordenador do Programa era então Roberto DaMatta. Além dele, Francisca Keller, Moacir Palmeira, Neuma Aguiar, Roger Walker e Gilberto Velho formavam o grupo de professores dos cursos que fiz na rua Dona Mariana.

Com exceção de Gancedo, que veio apenas por um semestre, e Gatti, que não completou o curso, todos os demais concluímos nossos mestrados no Brasil, ainda que em locais diferentes – e isto também esteve ligado a Roberto Cardoso de Oliveira. Gatti, Ringuelet e eu já tínhamos feito parte do "Projeto Estudo Comparativo de Desenvolvimento Regional", dirigido por Roberto em codireção com Maybury-Lewis. Moacir Palmeira foi de fato quem nos convidou para participar desse projeto, em sua condição de coordenador na região Nordeste. O treinamento em pesquisa de campo era uma preocupação fundamental quanto à formação dos alunos do PPGAS e, com efeito, as teses de Ringuelet e a minha, orientadas ambas por Moacir Palmeira, foram produtos desse esforço. O projeto forneceu as bases para a constituição e a consolidação do grupo de estudos sobre campesinato, dirigido por Moacir Palmeira e formado por Lygia Sigaud, então já mestre pelo PPGAS, e os alunos Afrânio R. Garcia, Marie France Garcia, Jose Sergio Leite Lopes, Roberto Ringuelet, Luis Maria Gatti, Vera Etchenique e eu mesma.

Ibanez Novion, que não tinha ainda finalizado seus créditos quando Roberto Cardoso retornou dos Estados Unidos, acompanhou-o na transferência para Brasília, onde concluiu seu mestrado, lá permanecendo até o fim de seus dias como professor da UnB. Os demais voltamos para a Argentina, carregando conosco a visão da antropologia que havíamos adquirido aqui, em todos os cursos e pesquisas nos quais nos envolveramos – visão esta que sem dúvida guardava uma relação de continuidade com o que começáramos a vislumbrar em nossas instituições de origem, com alguns professores que, embora minoria absoluta, nos haviam ensinado a pensar antropologicamente de uma forma muito próxima àquela que encontramos no Brasil. Seja como for, nossa experiência aqui foi o norte que orientou cada um de nós para que pudéssemos transmiti-la, buscando reproduzir na prática certa maneira de pensar a disciplina.

Ringuelet retornou à Universidade Nacional de la Plata, enquanto Gatti e eu voltamos à Universidade Nacional de Córdoba, onde dividimos uma cadeira de Antropologia Cultural no curso de História. Posteriormente, essa cadeira ficou sob minha inteira responsabilidade, com a transferência de Gatti para a Universidad Nacional de Salta, onde estava sendo criada uma graduação em antropologia.

O golpe militar de 1976 na Argentina afetou, entretanto, muitos – nós, antropólogos, incluídos. Ringuelet voltou ao Brasil, para lecionar na Universidade Federal de Rio Grande do Norte; Gatti acabou indo da Argentina para o México, onde continuou a trabalhar ligado a Bonfil Batalha, de quem tinha sido aluno no PPGAS, e lá terminou seus dias. No meu caso, voltei diretamente para o Rio de Janeiro, para me incorporar ao projeto "Emprego e Mudança Sócio-Econômica", dirigido por Moacir Palmeira, de cujas discussões iniciais eu participara ainda durante a minha primeira estadia, mas que tomou forma e se concretizou durante a minha ausência. Este

novo projeto, que também envolveu professores e alunos do PPGAS, dava continuidade e consolidava a indissociabilidade do ensino e da pesquisa como uma tradição.

O peso da pesquisa e do trabalho de campo na realização do mestrado, que caracterizaram os cursos de pós-graduação criados por Roberto Cardoso de Oliveira, constituiu-se assim como uma marca fundamental da tradição antropológica brasileira,

A tradição da presença de alunos latino-americanos no PPGAS, pensada e concretizada por Roberto Cardoso de Oliveira, foi retomada anos depois, mais precisamente em agosto de 1986, por ocasião de um Congresso de Antropologia – o primeiro após a retomada da democracia na Argentina – por iniciativa de um grupo de colegas do Museu Nacional, sob a coordenação de Jose Sergio Leite Lopes. Dele participei como um dos proponentes e como elemento de ligação entre o decano Dr. Rodriguez Bustamante e seu secretário acadêmico, o antropólogo Mauricio Boivin, quando foi assinado um convênio entre o PPGAS e a Facultad de Filosofia e Ciências Sociales de la Universidad de Buenos Aires, que daria início, desta vez sem interrupções, a um novo fluxo de alunos argentinos em direção ao PPGAS. Esse fluxo ampliou-se também em direção a outras pós-graduações da mesma UFRJ e de outras universidades do país, e se mantém até o presente. Gerações de antropólogos, assim, têm levado adiante, independente de seus lugares de origem e residência, a visão de Roberto Cardoso de Oliveira, fazendo parte dessa comunidade que foi tão marcada por sua imaginação.

Minha convivência com Roberto foi limitada – nunca fui sua aluna, ele nunca foi meu professor de sala de aula, embora tenha feito parte de minha banca de mestrado, juntamente com Otávio Velho. Mas me sinto muito próxima de suas concepções acerca do pensar e do fazer antropologia. O curso de Sociedades Camponesas, que ministrei conjuntamente mais de 15 vezes com diversos professores do PPGAS ao longo de 30 anos, foi originalmente introduzido por

Roberto Cardoso de Oliveira, e tem continuidade até hoje com Moacir Palmeira, de cuja primeira turma fiz parte (assim como, entre outros, os colegas que participaram do projeto no Nordeste). O campesinato tem sido desde então um tema constante de pesquisa e reflexão para mim, de modo que também no tema em que trabalho a sua influência continua presente. Uma presença cuja força para mim foi se fazendo sentir com o tempo, e foi se intensificando na medida em que eu compreendia a importância de Roberto não apenas na minha vida profissional, mas na vida da disciplina. Era isto o que eu desejava deixar marcado aqui.

Nota

[1] Na realidade, a Unicamp já havia criado o Mestrado em Antropologia no início dos anos 1970. Entretanto, Roberto foi fundamental na criação do Doutorado em Ciências Sociais, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA AMÉRICA LATINA

Resumo

Este texto consiste em um testemunho pessoal de algo que sempre ocupou lugar central no pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira, a saber, sua preocupação com o ensino da antropologia não só no Brasil, mas especificamente na América Latina. Esta preocupação resultou em conexões importantes para o desenvolvimento da disciplina no subcontinente, e é a memória de algumas delas que se tenta registrar aqui.

Palavras-chave: Roberto Cardoso de Oliveira, ensino de antropologia, programas de pós-graduação, estudantes, colaboradores.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA AND THE TEACHING OF ANTHROPOLOGY IN LATIN AMERICA

Abstract

This is a personal testimony regarding something that was central to Roberto Cardoso de Oliveira's concerns: the teaching of anthropology not only in Brazil, but in Latin America more generally. That concern resulted in important connections for the development of the discipline in the subcontinent; the memory of these connections is what this text tries to register.

Keywords: Roberto Cardoso de Oliveira, anthropology teaching, anthropology graduate programs, students, associates.